

## INGÊNUO OU “INGÊNUO”? UMA PROPOSTA SOBRE A PERSONAGEM LUÍS PADILHA EM *S. BERNARDO*, DE GRACILIANO RAMOS

### NAIVE OR “NAIVE”? A PROPOSAL ON THE CHARACTER LUÍS PADILHA FROM GRACILIANO RAMOS’ *S. BERNARDO*

Octávio Henrique Chames dos Santos

Licenciado em Letras - Português e Inglês pelo Centro Universitário Anhanguera  
Mestrando em Letras pela Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho – UNESP

Bolsista de Mestrado do CNPq

[octaviohenrique994@gmail.com](mailto:octaviohenrique994@gmail.com)

5

---

**Resumo:** Neste artigo, propõe-se uma reavaliação do entendimento comum da crítica especializada sobre a personagem Luís Padilha em *S. Bernardo* (2018), de Graciliano Ramos. Com base em alguns apontamentos críticos de autores como Bastos (2015) e Gonçalves (2012) e em trechos do romance, tenta-se examinar se Padilha é, realmente, como comumente apontado pela crítica especializada, uma personagem ingênua em toda a sua trajetória no romance ou se suas ações e seus discursos na narrativa do escritor alagoano demandam uma análise mais cuidadosa.

**Palavras-chave:** Graciliano Ramos; Ingenuidade; Luís Padilha; *S. Bernardo*.

**Abstract:** In this article, a reevaluation of the common understanding among specialized critics about the character Luís Padilha from Graciliano Ramos’ *S. Bernardo* (2018) is proposed. Based on some critical notes from authors such as Bastos (2015) and Gonçalves (2012) and on excerpts taken from the novel, it is examined if Padilha is, in fact, as commonly appointed by the specialized critics, a naive character throughout his entire path on the novel or if his actions and speeches in the alagoan writer’s narrative demand a more careful analysis.

**Keywords:** Graciliano Ramos; Ingenuity; Luís Padilha; *S. Bernardo*.

---

#### Considerações iniciais

Em *S. Bernardo* (2018), segundo romance do escritor alagoano Graciliano Ramos (1892-1953), originalmente publicado em 1934, o decadente coronel da região de Viçosa, Paulo Honório, narra a história de sua ascensão como grande proprietário de terras, tendo chegado a alcançar a posição de homem mais influente da região e nela se mantido por décadas. O narrador e protagonista dos fatos narrados, porém, também relata seu processo de decadência, que começa a ocorrer após o suicídio de sua esposa, Madalena, depois de anos de um casamento tomado por brigas e pelo

### Building the way

ciúme, ambos tendo como fonte o que o crítico literário brasileiro Antônio Candido denomina “sentimento de propriedade” honoriano, isto é, Paulo Honório “transforma o ganho em verdadeira ascese, em questão definitiva de vida ou morte. [...] O próximo lhe interessa na medida em que está ligado aos seus negócios, e na ética dos números não há lugar para o luxo do desinteresse” (CANDIDO, 1992, p. 25), o que tornou a visão humanitária de Madalena inconciliável com a do narrador, trazendo esses problemas para o casamento.

6

Ainda durante a ascensão do narrador de “guia de cego, vendedor de doce e trabalhador alugado” (RAMOS, 2018, p. 218) a grande coronel das redondezas, ele se vê diante de duas personagens que, de certa forma, precisa sobrepujar para conseguir seus objetivos – inicialmente, a aquisição de mais bens e a posse da fazenda S. Bernardo. Em ordem de aparição na narrativa, a segunda delas é o então homem mais influente da região, o coronel Mendonça, que, após se opor a um Paulo Honório já proprietário de S. Bernardo, morre com um tiro na costela quando voltava para sua propriedade, Bom-Sucesso, em um domingo de eleição à tarde, deixando o caminho livre para Honório se tornar, ele próprio, o homem mais poderoso ali. No entanto, antes de superar Mendonça, o coronel de S. Bernardo teve de adquirir/tomar a fazenda das mãos da personagem que se pretende analisar neste artigo: Luís Padilha.

Luís Padilha era, então, o proprietário de S. Bernardo, tendo herdado a fazenda de seu falecido pai, Salustiano Padilha, ex-patrão de Paulo Honório dos tempos em que este ainda alugava sua força de trabalho em Viçosa. Padilha havia sido mandado pelo pai para a capital para estudar Direito, mas não concluiu o curso e, com a morte de Salustiano, volta a Viçosa para administrar uma propriedade já decadente. Não tendo sucesso como administrador rural, Padilha filho é, algum tempo depois, enganado pelo narrador e forçado a vender-lhe a fazenda para pagar as dívidas que contraíra com ele. Cinco anos depois de a venda estar concretizada, novamente endividado, Luís Padilha volta a procurar o narrador e consegue se tornar professor da escola que Paulo Honório constrói na fazenda a pedido do governador do estado.

Já como funcionário em S. Bernardo, Luís Padilha novamente se torna um “obstáculo” para Paulo Honório, mas por outro motivo. Tomado pelo ciúme e desconfiado do teor das conversas constantes do professor com Madalena, o narrador

### Building the way

passa a acusar o filho de Salustiano Padilha de ser amante da moça e de, com ela, planejar uma espécie de “complô comunista” cujo objetivo seria tomar a fazenda das mãos do coronel e reduzi-lo à miséria: “Sim senhor! *Conluida com o Padilha* e tentando afastar os empregados sérios do bom caminho. Sim senhor, *comunista!* Eu construindo e ela desmanchando” (RAMOS, 2018, p. 154, grifos nossos). Essa situação permanece até o professor, depois da morte de Madalena e de explodir a “revolução” que consolida a decadência de Honório como proprietário, abandonar a fazenda e entrar para o exército revolucionário, cooptando alguns funcionários de seu patrão a juntarem-se à causa e, com isso, de certa forma, se vingando tanto da alienação da propriedade como das outras humilhações que o coronel lhe havia imposto enquanto seu patrão.

Para quem intenta desenvolver reflexões acadêmicas sobre essa narrativa de Graciliano Ramos, é frequente encontrar, em trabalhos críticos, Padilha associado a termos como “ingenuidade” e “boemia”. Por exemplo, em *Dialogismo e ironia em São Bernardo, de Graciliano Ramos*, Rogério Gustavo Gonçalves assim o descreve:

[...] o personagem Luís Padilha é herdeiro de Salustiano, seu pai, dono de São Bernardo, mas não é familiarizado com o ambiente do campo e não possui interesse pelas atividades rurais. *Propenso à boemia e à imprevidência, entregue aos vícios do jogo e da bebida e aos gastos com mulheres, o jovem fazendeiro apresenta-se como uma presa fácil para as intenções de Paulo Honório* (GONÇALVES, 2012, p. 23, grifo nosso).

Essas primeiras características associadas a Padilha, em especial o vício em jogo, a pouca familiaridade com o meio rural e a imprevidência, são usadas pelo narrador para conseguir, ao final do capítulo IV, adquirir as terras de S. Bernardo e, com isso, iniciar sua ascensão até chegar à condição de grande coronel da região de Viçosa após alguns anos de confronto com Mendonça, à época a figura mais poderosa ali.

Ironicamente, é após a perda de S. Bernardo que, segundo Paulo Honório, Luís Padilha sofrerá uma reviravolta ideológica igualmente notada pela crítica sãobernardiana, que o adjetiva também como “socialista” ou “personagem com tendências socialistas”. Se no capítulo IV o herdeiro e então proprietário da fazenda entendia que a possibilidade de mais pessoas enriquecerem seria “uma desgraça”, no capítulo IX, já na condição de empregado de Paulo Honório, Padilha “manifestava

### Building the way

ideias sanguinárias e pregava, cochichando, o extermínio dos burgueses” (RAMOS, 2018, p. 60). O crítico Carlos Nelson Coutinho, inclusive, chega a rotular essa “guinada à esquerda” da personagem como uma das atitudes típicas da classe média brasileira, comparando o seu caso com os de major Ribeiro e D. Glória. Para Coutinho (2011, p. 163), se Ribeiro representaria “o saudosismo impotente da classe média rural” e D. Glória, “o autossacrifício pela família como forma de emprestar um sentido à vida”, “em Padilha” haveria “o recalque e a frustração como bases para a aceitação, ainda abstrata, do socialismo”.

Após isso, há um momento de transição entre os dois núcleos a partir dos quais S. Bernardo é construído literariamente – de acordo com o crítico literário brasileiro João Luiz Lafetá (1995, p. 200), a posse da fazenda e a posse de Madalena -, o que faz Luís Padilha ser relegado, em definitivo, a uma condição secundária dentro da narrativa. Em face disso, até pela grande relevância do conflito dramático entre Paulo Honório e Madalena no romance de Graciliano Ramos, a crítica sãobernardiana, ao analisar o filho de Salustiano Padilha, tende a se limitar a caracterizá-lo como “ingênuo”, “boêmio” e “socialista”, sem sequer aventar a hipótese de ter ocorrido qualquer tipo de mudança no modo como essa personagem age sobre o mundo que a cerca. Apesar de a análise de Padilha como socialista ou simpatizante do ideal socialista ser coerente e de não parecer possível dissociar totalmente a imagem dele da boemia - ainda que esse traço de sua personalidade não volte a ser mencionado no romance depois de ele passar à condição de empregado nas terras honorianas - o filho de Salustiano Padilha aparenta terminar o romance bem menos ingênuo do que começou, tendo, possivelmente, conseguido contra seu patrão uma vingança mais completa do que possa parecer em um primeiro momento. Essa vingança teria ocorrido não só pela cooptação de funcionários do coronel para a causa revolucionária ao final do romance, mas também por Padilha ter, de certa maneira, ajudado a alimentar o ciúme honoriano, o que levaria Madalena ao suicídio depois de anos de um casamento conflituoso e, por consequência, marcaria o início do fim de Paulo Honório como grande senhor de terras e como homem.

## Building the way

### Uma proposta sobre a personagem Luís Padilha em *S. Bernardo*, de Graciliano Ramos

9

Neste artigo, pois, procurar-se-á examinar, com base em alguns elementos fornecidos pelo próprio texto literário, assim como em apontamentos críticos distintos, a coerência da seguinte hipótese interpretativa sobre essa personagem de *S. Bernardo* (2018): se Padilha pode e deve ser rotulado como um “ingênuo” no início do romance, sua permanência nessa condição após o final da narrativa é, no mínimo, bastante questionável, se não de todo equivocada, sempre tendo em mente que, como frisa Hermenegildo Bastos em *Memórias do Cárcere: Literatura e testemunho*, a verossimilhança é um elemento essencial na literatura de Graciliano Ramos, pois, para o escritor alagoano, a literatura é, “tudo indica, um método, o da verossimilhança, método de conhecimento da realidade” (BASTOS, 1998, p. 15), o que significa que qualquer traço pouco verossimilhante nessa narrativa não condiria com a técnica narrativa do escritor alagoano. Além disso, adotar-se-á, para se trabalhar com o adjetivo “ingênuo”, a seguinte definição dicionarial: “que não tem malícia; inocente, sincero, cândido, franco, simples” (BECHARA, 2008, p. 718).

Para se poder sustentar essa hipótese interpretativa, convém primeiro recapitular a trajetória da personagem Luís Padilha no romance. A primeira vez em que Paulo Honório menciona o herdeiro de Salustiano Padilha em *S. Bernardo* é no capítulo IV, quando anuncia ao leitor sua intenção de tomar posse da fazenda. Já nessa primeira aparição, fica transparente o modo como o futuro coronel de S. Bernardo interpreta aquele cuja propriedade tomaria, pois aparecem os motivos da ingenuidade, da boemia, do vício em jogo e da irresponsabilidade:

Como quem não quer nada, procurei avistar-me com Padilha moço (Luís). Encontrei-o no bilhar, jogando bacará, completamente bêbedo. Está claro que o jogo é uma profissão, embora censurável, mas o homem que bebe jogando não tem juízo. Aperuei meia hora e percebi que o rapaz era pexote e que estava sendo roubado descaradamente (RAMOS, 2018, p. 21).

Em outras palavras, como apontado por Juarez Filho (2006, p. 158), desde o início do romance, “Padilha nos é traçado da maneira a mais vil possível”, como um “pulha”, ou, como defende Pitt (2009, p. 10), “ vaidoso, perdulário, acomodado e fraco, sempre em oposição a ele, Paulo Honório”, e será essa a visão que o narrador

### Building the way

manterá convictamente até o final de sua narrativa, no capítulo XXXVI, quando chama Padilha de “bicho doméstico”. Esse seu procedimento, vale dizer, conforme explica Gonçalves (2012), não se restringe à personagem Luís Padilha nem é gratuito. Na verdade,

Na relação com o narratário, as qualificações semânticas depreciativas que o narrador aplica aos outros personagens servem para estigmatizá-los. Com isso, o que se quer é diminuí-los e criar uma imagem desprezível deles, para que os seus pontos de vista não mereçam sequer exame. Ele os rebaixa a um nível de alienação que torna nulas suas opiniões individuais, ao apresentá-los desprovidos de consciência (GONÇALVES, 2012, p. 54).

Especificamente no caso de Padilha, e em especial quando é apresentado ao leitor por Paulo Honório, essa desqualificação sistemática, conforme aponta Gonçalves, tem também outros dois objetivos: justificar sua ausência de remorso quando aliena o filho de Salustiano Padilha de sua herança e, ao mesmo tempo, incutir no leitor o seu sistema de valores como o mais adequado, em oposição ao do “pulha” Luís Padilha:

Ao opor o seu caráter ao de Padilha, o narrador-personagem busca passar ao narratário uma imagem de exemplaridade, de modelo a ser seguido como o correto; tenta transferir o narratário para o seu próprio sistema de valores e de pensamento, para sua lógica pessoal, caracterizando seu discurso por um forte valor sugestivo. [...] Toda essa sequência em que é narrada a aquisição da fazenda, ao evidenciar a insignificância de Padilha, ressalta, por contraste, a superioridade de Paulo Honório, seu potencial estratégico e seu conhecimento de comportamentos óbvios, pois, para o sucesso de sua cilada, conta com a previsibilidade das reações do adversário como a de um animal em seu ato instintivo (idem, p. 31-32).

A próxima aparição dessa personagem será no capítulo VIII, quando, já endividado novamente depois de se ver forçado a vender sua fazenda para saldar os débitos com Paulo Honório, Luís Padilha faz uma visita ao narrador para pedir-lhe um empréstimo, que este prontamente nega. Em seguida, no capítulo IX, Padilha aparece conversando sobre Madalena (que só viria a ser apresentada de fato na narrativa no capítulo XII) com João Nogueira e Azevedo Gondim, curiosamente ressaltando em Madalena não suas qualidades intelectuais, mas seus atributos físicos. Ao fim desse capítulo, o ex-proprietário de S. Bernardo terá aceitado uma oferta de Paulo Honório

### Building the way

para se tornar o professor da escola que o coronel construiria em acordo com o governador do estado, ou seja, passaria a ser (mais um) funcionário na propriedade que esteve nas mãos de sua família e dele próprio por anos.

Depois de sua incorporação ao quadro de funcionários da fazenda S. Bernardo, Luís Padilha não desaparece da narrativa, mas só volta a ter destaque em três ocasiões. A primeira, no capítulo XI, é quando ele é flagrado por Paulo Honório “discursando para Marciano e Casimiro Lopes” (RAMOS, 2018, p. 68) sobre o problema da desigualdade social na região em que viviam, ou, mais especificamente, sobre como os três (Padilha, Marciano e Casimiro Lopes), assim como tantos, trabalhavam para “enriquecer os outros” (no caso, o outro, Paulo Honório, ou, pelo menos, é o que o próprio Honório imagina), conseguindo a adesão de Marciano à sua tese, mas não a de Casimiro, servidor mais fiel do coronel. Estando Padilha e Marciano, no entanto, em uma posição subalterna ao narrador, tudo o que conseguem é serem humilhados por ele e, por pouco, não serem expulsos da fazenda, sendo, inclusive, ameaçados com a polícia: “- Por esta vez passa. Mas se me constar que vocês andam com saltos de pulga, chamo o delegado de polícia, que isto aqui não é a Rússia, estão ouvindo? E sumam-se” (idem, p. 69).

O segundo momento de destaque acontece nos capítulos XXIV, XXV e XXVII, anos depois, com Paulo Honório e Madalena já casados e com o narrador já um pouco cioso das constantes conversas entre a esposa e o herdeiro de Salustiano Padilha. Aliás, em seu artigo, Pitt (2009, p. 10) aponta para a necessidade de maior atenção à relação entre o coronel e o professor precisamente porque “é contra ele [Padilha] que o narrador direciona com maior ênfase seu ciúme doentio da esposa, talvez por enxergar nele um alvo frágil contra o qual, sempre que pode, aproveita para afirmar sua superioridade”. No capítulo XXIV, Paulo Honório repreende Padilha de modo a tentar convencê-lo a se demitir da fazenda, o que não funciona. Padilha cita que, naquele momento, apanhava flores no jardim por ordens de Madalena, ou seja, seria com ela que o patrão deveria reclamar. Depois de sua esposa ser citada pelo funcionário, Paulo Honório lhe pergunta sobre o que ele e Madalena tanto conversavam, ao que o professor responde usando a expressão “palestras amenas e variadas”, que será repetida pelo narrador algumas vezes no restante da narrativa, em especial para expressar e fundamentar seu ciúme. No mesmo capítulo, Padilha participa do jantar de comemoração de dois anos do matrimônio de Paulo Honório

### Building the way

com Madalena, apoiando a moça quando ela parece mostrar certa simpatia a uma revolução no país, o que leva o coronel de S. Bernardo a suspeitar de um complô entre os dois para traí-lo tanto na esfera conjugal como no sentido de aliená-lo de sua propriedade. Com isso, no capítulo XXV, Padilha começa a sofrer represálias do patrão, que o priva de quatro meses de salário e o submete a uma vigilância constante, constringendo-o em todos os sentidos possíveis.

12

Depois de uma briga entre o casal no capítulo XXVI, em que Madalena chamando o marido de assassino, é no capítulo XXVII que Paulo Honório resolve expulsar Luís Padilha de S. Bernardo, pois, segundo o narrador, para a esposa ter aludido de alguma maneira a crimes pregressos que ele teria cometido, “o mais provável era Padilha haver referido alguns mexericos que por aí circulam” (RAMOS, 2018, p. 167) – provavelmente os rumores que ligavam Paulo Honório à morte do coronel Mendonça muitos anos antes, ainda no capítulo VI da narrativa. Confrontado pelo patrão, Padilha tenta se justificar e culpa (novamente) Madalena por o coronel querer demiti-lo (o que, inclusive, aprofunda o ciúme honoriano), mas, no fim, tudo o que consegue é o prazo de um mês para sair das terras.

Como, no entanto, o suicídio de Madalena ocorre já no capítulo XXXI, antes de esse mês passar, Padilha conseguirá permanecer em S. Bernardo por mais algum tempo, o suficiente para ter sua terceira (e última) grande participação no romance, sendo também mencionado pela penúltima vez na narrativa (a última, no 36º e último capítulo, é quando ele é chamado por Paulo Honório de “bicho doméstico”). Essa última participação ocorre no capítulo XXXIV, mais alguns anos à frente, após Madalena ter cometido suicídio e a revolução tantas vezes mencionada no romance ter acontecido, aprofundando a decadência do protagonista enquanto homem e enquanto senhor de terras. Aqui, o narrador menciona que perdeu alguns de seus homens para seu agora ex-funcionário, que os teria seduzido para entrarem no exército revolucionário, o que, de certa forma, acaba sendo uma pequena vingança para Padilha após tantos anos exposto às arbitrariedades do patrão.

Fora essas três aparições mais notáveis, as outras ocasiões em que Luís Padilha é mencionado ou participa da narrativa são as seguintes:

- No capítulo X, o narrador menciona uma conversa de Padilha com Casimiro Lopes sobre onças, dando destaque a como o instruído Padilha e o pouco letrado Casimiro não se entendiam em absoluto.

### Building the way

- No capítulo XIII, na conversa com d. Glória a bordo do trem, Paulo Honório fala sobre a escola que inaugurou na fazenda e sobre o professor, a quem chama “idiota”.

- No capítulo XIV, Paulo Honório volta a se referir ao confronto com Padilha no capítulo XI, retomando a questão das aspirações socialistas de seu funcionário e alegando aos colegas com quem conversava que tentaria arranjar-lhe um emprego fora da fazenda a fim de evitar mais problemas. Desta vez, o filho de Salustiano Padilha é rotulado como “canalha” e “coitado”.

- No capítulo XVII, com o casamento com Madalena consumado e com a moça morando na fazenda, o narrador conta que ela considerava Padilha “uma alma baixa”, ao que ele respondia que o que lhe importava era a produtividade, e não a alma de seus funcionários.

- No capítulo XVIII, Padilha conversa com o guarda-livros de S. Bernardo, “seu” Ribeiro, e com Madalena sobre trabalho e dinheiro, testemunhando, posteriormente, o pequeno entrevero entre Paulo Honório e a esposa por conta do salário do funcionário idoso, ou seja, tal como o leitor, também Padilha pôde testemunhar o confronto entre a visão humanitária de Madalena, preocupada com as condições de trabalho de Ribeiro, e o viés de Paulo Honório, dominado pelo “sentimento de propriedade” ao qual Cândido (1992) se refere.

- No capítulo XIX, situado cronologicamente depois da morte de Madalena, da revolução e da cooptação dos funcionários de Paulo Honório pelo novo revolucionário, o narrador alega ouvir Padilha assoviando e se pergunta onde ele estará.

- No capítulo XXI, Paulo Honório relata os gastos que Madalena o fez ter com a escola local e conta que a esposa criticou o método de ensino de Padilha. Além disso, Padilha aparece novamente conversando com Marciano e testemunha tanto a punição física que o coronel de S. Bernardo aplica ao funcionário como a discussão do patrão com a esposa, na qual, novamente, se pode perceber um conflito de visões, com Madalena defendendo um tratamento mais digno para Marciano (e, por metonímia, para os outros funcionários da fazenda) e Paulo Honório reduzindo-o a “molambo” e “cabra” para justificar seu procedimento.

- No capítulo XXIII, Paulo Honório volta a expressar desconfiança em relação a Padilha, desta vez por Madalena estar conversando com ele, sendo que,

### Building the way

tempos antes, ela o havia qualificado como uma “alma baixa”. Além disso, o narrador, em pensamento, pergunta a si próprio o que o impedia de expulsar o herdeiro de Salustiano Padilha da fazenda, chama-o de parasita e acusa-o de estar “fuxicando”, no sentido de contar mentiras a Madalena sobre ele.

- No capítulo XXVIII, o narrador reflete consigo mesmo com base em uma frase que Padilha lhe havia dito no capítulo XXVII e que o faz enveredar de vez pelo caminho do ciúme.

- No capítulo XXXI, na noite anterior a seu suicídio, Madalena pede ao marido que seja mais tolerante com Padilha, o que Paulo Honório recusa, chamando-o de “enredeiro” e “safadíssimo”.

- No capítulo XXXIII, já decadente, Paulo Honório recebe Padilha, que tenta mais uma vez assegurar sua permanência na fazenda, o que consegue, só saindo da propriedade quando estoura a revolução, a cujas tropas, segundo a personagem João Nogueira, ele se incorpora junto com Padre Silvestre, a outra personagem mais simpática à possível revolução no romance.

- No capítulo XXXVI, o último do romance, como já dito, Paulo Honório volta a mencioná-lo apenas para comparar a animalização que o professor sofreu sob seu mando com as que outros funcionários sofreram, classificando Padilha como “bicho doméstico”.

Percebe-se que, em todas essas suas participações mais ou menos destacadas na narrativa após sua entrada no quadro de funcionários da propriedade S. Bernardo, até mesmo quando seduz outros funcionários para a revolução no capítulo XXXIV, Luís Padilha ainda (e sempre) é encarado por Paulo Honório como o rapaz ingênuo cujas terras ele havia conseguido comprar, provavelmente a um preço abaixo do valor de mercado mesmo se se considerar o estado decadente em que se encontravam à época da transação, depois de usar o vício em jogo e a natureza boêmia dele para criar uma armadilha da qual o herdeiro de Salustiano Padilha só escaparia vendendo a fazenda. Afinal, ainda que Padilha tivesse conseguido essa vitória parcial sobre ele ao cooptar os funcionários, o coronel tinha certeza de que voltariam (e permanece ambíguo se Paulo Honório, nesse momento, está se referindo apenas aos outros funcionários ou também ao professor), pois, no fundo, “as criaturas que me serviram durante anos eram bichos” (RAMOS, 2018, p. 217), inclusive o

### Building the way

revolucionário Luís Padilha, o que significa que não lhes restaria outra opção a não ser voltarem a trabalhar para o narrador-protagonista futuramente.

Outra prova de que Paulo Honório não encara Padilha como uma ameaça para si mesmo em momento algum é que, em duas das participações de maior destaque do professor no romance, no capítulo XI e no conjunto dos capítulos XXIV, XXV e XXVII, o protagonista repete, sem hesitação alguma, procedimentos de que se valeu, ainda no capítulo IV, para tirar a propriedade das mãos do herdeiro de Salustiano Padilha. Se no capítulo IV Paulo Honório consegue convencer de vez o rapaz a vender S. Bernardo com agressões verbais, chantagens e ameaças, no capítulo XI a situação transcorre de modo bastante parecido, tanto que, como já mencionado, a discussão entre Paulo Honório e Padilha/Marciano é encerrada com o fazendeiro ameaçando chamar a polícia contra eles caso os ouvisse de novo com aquele tipo de conversa. De modo parecido, se Paulo Honório apela à condição de Padilha como seu dependente financeiro (no caso, por dívidas) para forçá-lo a se desfazer de sua herança ao final do capítulo IV, no capítulo XXVII, além de já vir se aproveitando, desde o XXV, de sua condição como patrão de Padilha e como coronel mais poderoso da região para submeter o professor a privações, deixando-o quatro meses sem salário, Honório novamente demonstra seu poder econômico sobre o funcionário, que só consegue um mês de prazo para deixar a fazenda depois de, novamente, se humilhar perante o patrão.

No entanto, já nessas duas primeiras grandes participações de Padilha enquanto funcionário de S. Bernardo, assim como na do capítulo XXXIV, parece possível perceber alguns traços de alguém que, se não puder ser considerado extremamente sagaz, no mínimo consegue entender: 1- a situação em que se encontra em cada um desses momentos; 2- como pensa, como se sente e quanto poder de fato tem aquele que o está ameaçando (Paulo Honório) e; 3- como agir para conseguir o melhor resultado possível em cada uma dessas ocasiões. Deve-se ter em mente também que, como ressalta Coutinho (2011, p. 162), enquanto a esposa de Paulo Honório, Madalena, se rebela contra o autoritarismo do marido e a falta de autenticidade daquela realidade que ele tentava lhe impor, Luís Padilha adota a resignação, furtando-se a confrontar o coronel de S. Bernardo, por mais que dele divergisse em uma série de aspectos. Gonçalves (2012), como se nota a seguir,

### Building the way

enxerga de modo semelhante esse contraste entre as atitudes de Padilha e de Madalena diante das imposições honorianas:

Paulo Honório, como narrador, procura transmitir superioridade em seu discurso, desqualificando e relegando a segundo plano o discurso dos outros personagens. Madalena chega, mas não se deixa inferiorizar igual aos demais. Ela não aceita alienar-se. Padilha, Gondim e Nogueira podem até ter, em certo grau, suas consciências desenvolvidas, mas resignam-se, por conveniência ou medo, e não ousam pronunciar-se de maneira discordante ao pensamento do fazendeiro (GONÇALVES, 2012, p. 72-73).

16

Por mais que ambos os críticos tracem essa comparação a fim de ressaltar a importância de Madalena para a narrativa, seja por representar um pensamento radicalmente divergente do “sentimento de propriedade” que domina o narrador, seja porque, como assinala Candido, com a entrada de Madalena no romance, “a narrativa áspera de um homem que se fez na brutalidade e que hesita antes a confissão vai aos poucos ganhando contornos mais macios, entrando pela pesquisa do próprio espírito [...]” (CANDIDO, 1992, p. 33), não se deve perder de vista, também, que uma personagem que se reduzisse à ingenuidade ao longo de toda uma narrativa, como em geral se afirma sobre Padilha, ainda mais quando tivesse esposado ou se tornado simpática a um ideal radicalmente oposto ao de seu patrão - a (suposta) adesão de Padilha ao socialismo, em oposição à defesa ferrenha que Paulo Honório faz do capitalismo e da meritocracia -, dificilmente conseguiria permanecer por anos empregada em uma posição relativamente confortável, ainda que totalmente subalterna. Já considerando isso, então, parece válido questionar: que personagem ingênua é essa que consegue perceber e praticar a resignação por tanto tempo, evitando ser, com isso, completamente obliterada por esse coronel “empreendedor, dinâmico, dominador, obstinado, que concebe uma empresa, trata de executá-la, utiliza os outros para isso e não se desanima com os fracassos” (LAFETÁ, 1995, p. 194)?

Entretanto, em cada uma das três grandes participações de Padilha como funcionário de Paulo Honório no romance, o que se percebe é, como já dito, mais do que apenas resignação, também a capacidade de reagir aos mandos e desmandos do patrão de modo a obter o melhor resultado possível em cada situação. Para elucidar isso, convém uma análise mais detida de cada um desses episódios.

### Building the way

Primeiro, no capítulo XI, um Luís Padilha mais ou menos recentemente adicionado ao corpo de funcionários de S. Bernardo é flagrado por Paulo Honório “discursando para Marciano e Casimiro Lopes” nos seguintes termos: “- Um roubo. É o que tem sido demonstrado categoricamente pelos filósofos e vem nos livros. Vejam: mais de uma légua de terra, casas, mata, açude, gado, tudo de um homem. Não está certo” (RAMOS, 2018, p. 68).

17

Pode-se perceber que se trata de um discurso exaltado já na primeira frase, pois, para convencer os colegas menos instruídos formalmente, o professor da fazenda não fala em “equivoco”, “desigualdade de renda”, “subdesenvolvimento” ou em outros termos nesse sentido, mas em “roubo”, isto é, associa a existência do grande latifúndio de terras (a “légua de terra” que pertence a um só homem) à ilegalidade, ao crime propriamente dito. Por si só isso poderia, de certa maneira, justificar a posterior reação explosiva de um desconfiado Paulo Honório, pois, a essa altura do romance, o leitor já sabe que, além de o narrador ter feito coisas das quais poucos se orgulhariam (por exemplo, o fato de seu “primeiro grande feito” ter envolvido esfaquear um homem), o coronel de S. Bernardo parece ter uma visão bastante peculiar sobre o crime em si. Afinal, além de reiteradamente mencionar sua desconfiança em relação à justiça, Paulo Honório já havia revelado, no capítulo III, que, por causa dos empréstimos que precisara contrair com o agiota Pereira, estudou aritmética “para não ser roubado além da conveniência” (idem, p. 17), o que leva a pensar que, para o narrador, há roubos “convenientes” e roubos “inconvenientes”, ou seja, que um crime (ou, pelo menos, esse tipo de crime) não seria de saída ilegítimo, desde que, é claro, favorecesse seus interesses.

Mais ainda: após a morte de Mendonça no capítulo VI, Paulo Honório abertamente declara, no VIII, que, durante os cinco anos seguintes a esse evento, passou a invadir sistematicamente as terras de Bom-Sucesso, a antiga propriedade do falecido coronel, fazendo sua cerca avançar cada vez mais contra as irmãs Mendonça, herdeiras dessa fazenda, que não tinham o mesmo vigor nem o mesmo conhecimento do pai para cuidar da propriedade, e indo além dos limites entre as duas propriedades na época do pai de Luís Padilha, Salustiano, quando Mendonça ainda não havia invadido as terras de S. Bernardo. Ou seja, além de ter enganado Padilha para obter S. Bernardo, o narrador admite adquirir para sua nova propriedade terras que, por direito, não eram suas, isto é, “roubado” terras de suas legítimas proprietárias

### Building the way

à época, tornando pelo menos parte de sua propriedade o fruto do crime de roubo. Por mais que Padilha, depois de vender a fazenda a Paulo Honório, só volte a ser mencionado nesse mesmo capítulo VIII (ainda sem grande destaque), e por mais que não se saiba exatamente o que o herdeiro de Salustiano Padilha esteve fazendo durante esses cinco anos, é bastante improvável que ele não soubesse de tudo o que se passava na região, inclusive porque ele e Honório compartilhavam praticamente as mesmas amizades.

De qualquer maneira, independentemente de sua desconfiança ser ou não justificada, o coronel reage à “subversão” propagada por Padilha expulsando-o de suas terras, o que não se concretiza porque Rosa - a esposa de Marciano, que também havia sido expulso pelo patrão por ter mostrado simpatia às teses de seu colega - apela a Paulo Honório, fazendo-o reconsiderar sua decisão e restringindo a punição contra Padilha e Marciano a ameaças de uso da força policial em caso de reincidência em “saltos de pulga”. Entretanto, apesar de o professor, neste caso, ter contado com a sorte para poder se manter empregado, também ele acaba contribuindo para Honório rever sua decisão, pois, entre a primeira e a última palavras do coronel, transcorre um dia, e, antes mesmo de Rosa fazer seu apelo (no dia seguinte à expulsão), Padilha (no mesmo dia da expulsão) procura Paulo Honório:

Mais tarde, porém, cheio de embromações e lamúrias, Padilha jurou por todos os santos que a escola funcionava normalmente e fazia cortar o coração deixar tantas crianças sem o pão do saber. Quanto às teorias, aquilo era só para matar tempo e empulhar o Casimiro.  
- Eu meto a mão em cumbuco? Sou lá capaz de propagar ideias subversivas? (RAMOS, 2018, p. 69)

Por mais que se possa dizer que foi o pedido de Rosa, e não o do filho de Salustiano Padilha, que salvou os dois funcionários, e por mais que, do relato de Paulo Honório, se possa depreender que Padilha agiu, parafraseando novamente Juarez Filho (2006), como um “pulha”, três questionamentos ainda parecem pertinentes: sabendo-se que Rosa certamente intercedera em favor de Marciano - inclusive porque, segundo o narrador, ela traz os filhos do casal consigo quando faz seu “peditório”, em um claro apelo emocional -, teria ela necessariamente intercedido por Padilha também, em especial se sabia (pois Marciano provavelmente lhe contara) a causa da expulsão da família da fazenda? Além disso, em havendo a possibilidade de Rosa não ter discursado a favor de Padilha, isso se não discursou contra (afinal, tinha

### Building the way

sido ele o causador de sua desgraça de momento), por que Paulo Honório teria decidido poupar os dois, principalmente quando o professor já professava, abertamente, um ideário político diametralmente oposto ao seu? Por fim, seria lógico uma personagem ingênua do começo ao fim de uma narrativa mostrar a capacidade de recuar radicalmente de seus ideais em nome de uma situação, se não totalmente confortável, estável em seu emprego?

19

Já em sua segunda participação mais destacada no romance enquanto funcionário de S. Bernardo, nos capítulos XXIV, XXV e XXVII em conjunto, Padilha, especificamente no XXVII, é novamente confrontado pelo patrão, desta vez para ser sumariamente demitido da propriedade por causa da desconfiança crescente de Paulo Honório de o professor, além de ser amante de Madalena, estar também conspirando com ela para desmanchar o patrimônio do coronel. Quando o funcionário lhe pergunta quais as razões para ser demitido naquele momento, Honório replica com “você deve saber o que fez” (RAMOS, 2018, p. 170), recusando-se a prestar quaisquer esclarecimentos sobre o real motivo de sua decisão, mas cedendo ao funcionário um mês para poder se fixar em outras plagas. O que interessa aqui, entretanto, é que, ainda tentando evitar a própria demissão, Padilha culpa Madalena por seu infortúnio, ensejando, ao final do capítulo, a seguinte interação:

- Ó, Padilha, por que foi que você disse que Madalena era a causa de sua desgraça?
- E o senhor quer negar? Se não fosse ela, eu não perdia o emprego. Foi ela. E, veja o senhor, eu não gostava daquilo. Muitas vezes opinei, sem rebuço: “D. Madalena, seu Paulo embirra com o socialismo. É melhor a senhora deixar de novidade. Essas conversas não servem”. Está aí. Papagaio come milho, periquito leva a fama. O periquito sou eu.
- Fraquejei:
- Que diabo discutiam vocês?
- O meu ciúme tinha-se tornado público. Padilha sorriu e respondeu, hipócrita:
- Literatura, política, artes, religião... Uma senhora inteligente, a d. Madalena. E instruída, é uma biblioteca. Afinal eu estou chovendo no molhado. O senhor, melhor que eu, conhece a mulher que possui (idem, p. 172-173).

Além da acusação direta de ter sido Madalena quem de fato causou sua demissão, outros dois pontos a serem destacados nas falas de Padilha são a alegação dele de ter aconselhado a moça a parar com “novidades” socialistas e sua intervenção

### Building the way

final, quando ele diz a Paulo Honório uma das frases mais emblemáticas de todo o romance: “O senhor conhece a mulher que possui”.

Em relação à primeira alegação, parece bastante seguro afirmar que, pelo menos desde o já analisado capítulo XI, Luís Padilha tem plena consciência da antipatia absoluta de Paulo Honório por tudo o que porventura se pareça com uma visão socialista de mundo. Afinal, a briga entre os dois nessa ocasião não se dá apenas porque o filho de Salustiano Padilha conversava com Marciano e Casimiro Lopes, mas porque, no entendimento do coronel de S. Bernardo, o professor estava tentando criar uma insurreição socialista na fazenda – até por isso, inclusive, que, ao ameaçar Padilha e Marciano com a polícia, o narrador menciona ironicamente a Rússia, à época já a maior potência socialista do mundo.

Se essa interação com o protagonista ainda não tivesse sido suficiente para Padilha detectar esse traço da personalidade honoriana, no capítulo XXI, ele testemunha Paulo Honório agredindo fisicamente Marciano e discutindo rispidamente com Madalena pela primeira vez. Aqui, o narrador novamente joga a culpa por uma briga com Marciano no filho de Salustiano Padilha, acusando-o de “encher de folhas as ventas daquele sem-vergonha” (idem, p. 127). Curiosamente, aliás, nessa situação, o professor, para tentar escapar de qualquer represália do coronel, utiliza-se do mesmíssimo expediente ao qual apelará no capítulo XXVII: ele tenta jogar toda a culpa em cima do marido de Rosa, isentando-se de qualquer responsabilidade pelo ocorrido e, inclusive, alegando ter dado conselhos “positivos” (pelo menos em uma visão honoriana de mundo) ao colega de trabalho: “- Não ando enchendo nada não, seu Paulo. É injustiça. Ele veio de enxerido, acredite. Não chamei, até disse: ‘Marciano, é melhor que você vá dar comida aos bichos.’ Não escutou e ficou aí, lesando. Eu estava enjoado, por Deus do céu, que não gosto da cara desse moleque” (idem, ibidem).

Além disso, Padilha também estava na comemoração de dois anos de matrimônio de Paulo Honório com Madalena, ocasião que desencadeia definitivamente a desconfiança do protagonista contra a esposa, cujas falas teriam sido, para o narrador, provas suficientes da adesão da moça ao socialismo e da infidelidade dela no casamento: “Comunista, materialista. Bonito casamento! Amizade com o Padilha, aquele imbecil. ‘Palestras amenas e variadas.’ Que haveria nas palestras? Reformas sociais, ou coisa pior” (idem, p. 155). Ainda que o narrador, pelo menos a se confiar no relato que ele próprio faz da conversa, não tenha se exaltado

### Building the way

tanto dessa vez ao conversar com Madalena e com os outros sobre a possibilidade de uma revolução, ele deixa bastante evidente para qualquer pessoa com o mínimo de acuidade mental (que Padilha, pelo seu comportamento até então, parecia ter adquirido), um indício de desconfiança com a aparente empolgação da esposa ao discutir essa hipótese, como se pode notar no seguinte momento:

21

- Você também é revolucionária? exclamei com mau modo.
- Estou apenas perguntando por quê.
- Ora por quê! Porque o crédito se sumia, o câmbio baixava, a mercadoria estrangeira ficava pela hora da morte. Sem falar na atrapalhão política.
- Seria magnífico, interrompeu Madalena. Depois se endireitava tudo.
- Com certeza, apoiou Luís Padilha.
- Vocês sabem o que estão dizendo? (idem, p. 151).

Tendo em mente todos esses episódios e estando ameaçado de demissão por Paulo Honório, Padilha convenientemente coloca a si próprio na posição de um conselheiro da esposa “socialista” de seu patrão, tal como havia tentado fazer às custas do colega de trabalho capítulos antes, advertindo-a sobre os riscos que esposar e propagar esse tipo de ideias poderia trazer ao casamento. Note-se que, dessa fala do filho de Salustiano Padilha, não necessariamente se depreende que ele tenha convicção total de Madalena simpatizar com o ideário socialista. O que ele faz, na verdade, parece ser se aproveitar de uma desconfiança já existente de Paulo Honório para, enquanto tenta salvar a si próprio, alimentar em seu patrão as dúvidas sobre o caráter e as reais intenções da moça quando aceitou casar-se com o coronel de S. Bernardo.

Ainda que seu movimento de autoproteção não tenha dado certo por si só, pois Paulo Honório não reconsiderou sua decisão de expulsá-lo de S. Bernardo e Padilha de novo precisou contar com uma ajuda externa para se salvar - no caso, o suicídio de Madalena, que faz Paulo Honório se esquecer de todo o resto, inclusive de exigir do professor sua saída da propriedade -, Padilha tem tanto sucesso em alimentar a dúvida do narrador que o capítulo seguinte, o 28º, começa justamente com a frase “o senhor conhece a mulher que possui” (idem, p. 175), e é a partir de então que a narrativa honoriana passa a mergulhar no ciúme e na paranoia crescentes do protagonista, culminando com o suicídio de Madalena no capítulo XXXI e com a decadência do homem e do proprietário de terras Paulo Honório do capítulo XXXII em

### Building the way

diante. Nesse sentido, parece possível defender que Padilha consegue vingança contra Paulo Honório mesmo antes de cooptar os funcionários do coronel para a causa revolucionária no capítulo XXXIV. Afinal, é a partir do suicídio de Madalena que a trajetória de Honório passa da ascendente à descendente, e são as palavras do professor da fazenda que fazem vir à tona de vez o ciúme honoriano em sua forma mais ostensiva e mais descontrolada. Ironicamente, aliás, no capítulo XXIX, ainda antes do suicídio da esposa, Paulo Honório chega a agradecer ao funcionário, pois, no final das contas, “o Padilha tinha sido até camarada” (idem, p. 177), o que parece servir como uma demonstração ainda mais elucidativa de Padilha ter obtido vingança também nesse momento da narrativa.

Com isso, o questionamento no sentido contrário a um Padilha permanentemente ingênuo na narrativa se fortalece, em especial se se considerar que dificilmente um homem tão instruído e, àquela altura, tão íntimo da família Honório quanto Luís Padilha (que era, afinal, um amigo da família a seu modo) tenha mencionado o suposto socialismo de Madalena por acaso e “falado por falar” que Paulo Honório conhecia a mulher que tinha: não parece um pouco improvável, ou, como coloca Juarez Filho (2006, p. 16) quando dialoga com a tese de Hermenegildo Bastos sobre a importância da verossimilhança na literatura de Graciliano Ramos para analisar outro aspecto do romance *S. Bernardo*<sup>1</sup>, pouco verossímil que uma personagem ingênua do início ao fim de uma narrativa tenha uma percepção tal não apenas de sua situação, mas também do caráter de seu patrão, a ponto de conseguir fazer florescer nele uma dúvida que se mostraria fatal para sua esposa e, futuramente, para ele mesmo?

### **Considerações finais**

Por último, no capítulo XXXIV, Paulo Honório apenas menciona seu agora ex-funcionário, contando sobre a cooptação de “dez ou doze caboclos bestas” (RAMOS, 2018, p. 205) para a causa revolucionária. Por mais que o próprio Paulo Honório tente diminuir a importância desse ato de Padilha, dizendo que, de qualquer

---

<sup>1</sup> “Verossimilhança; e não sei se um coronel arrependido é verossímil. Um banqueiro arrependido deixaria de cobrar juros e perderia o banco. [...] Paulo Honório arrependido deixaria de ser coronel e distribuiria sua riqueza. Mas coronel ele não deixa de ser em momento algum” (JUAREZ FILHO, 2006, p. 16).

### Building the way

23

maneira, os funcionários inevitavelmente voltariam, fato é que o mesmo homem a quem o narrador constantemente humilhava e chamava de ingênuo conseguiu se manter na fazenda por tempo suficiente para ajudar a induzir o coronel ao ciúme absoluto que o faria perder sua esposa, o que, por sua vez, o faria decair como grande força da região a ponto de funcionários seus, antes sob total controle, se deixarem seduzir pela ideologia pró-revolução do professor de S. Bernardo. Mais ainda: Luís Padilha teve, também, a capacidade de saber o momento mais propício para sua tentativa de cooptação de homens menos instruídos do que ele em prol de uma causa que, como se revelará nos capítulos posteriores, aprofundará a decadência honoriana principalmente no âmbito financeiro. Afinal, no capítulo exatamente posterior à vingança definitiva de Padilha, Paulo Honório revela que “entrei nesse ano com o pé esquerdo. Vários fregueses que sempre tinham procedido bem quebraram de repente. Houve fugas, suicídios, o Diário Oficial se empenhou com falências e concordatas. Tive de aceitar liquidações péssimas” (idem, p. 211), além de os bancos não estarem mais dispostos a emprestar dinheiro ao coronel de S. Bernardo.

Essa nova situação de Paulo Honório com os bancos, inclusive, pode ser entendida, de certa maneira, como uma repetição daquela do próprio Padilha em seus últimos tempos como proprietário de S. Bernardo, hipótese interpretativa essa originalmente aventada por Bastos (2015):

Paulo Honório e Padilha estão ligados pelo desejo que ambos têm pela fazenda. Paulo Honório toma a fazenda de Padilha para transformá-la: ela deixará de ser uma mistura de bucolismo com inércia para se tornar um empreendimento capitalista efetivo. Contudo, ao final, não está Paulo Honório reduzido à condição de Padilha? O empreendimento capitalista frustrou-se e o significado afetivo da fazenda, que inicialmente distingue Padilha de Paulo Honório, ao final os iguala – como se uma vingança do primeiro (BASTOS, 2015, p. 24, grifos nossos).

Parece ser válido, para reforçar essa hipótese interpretativa de Bastos e elucidar, por consequência, o alcance da vingança de Padilha contra Honório ao final do romance, uma comparação mais detida entre as duas situações. Ainda no capítulo IV, depois de consultar aquele que futuramente lhe tomaria a fazenda, Luís Padilha resolve plantar mandioca e instalar uma fábrica de farinha na propriedade, tentando uma última cartada para fazer suas terras prósperas. O empreendimento, no entanto, mostra-se um fracasso retumbante, o que faz Padilha tornar-se alvo de escárnio de

### Building the way

seus parceiros de jogo e tentar um empréstimo com o agiota da região, Pereira. O usurário, porém, não cede dinheiro ao então dono da fazenda, forçado então a recorrer mais uma vez a Paulo Honório, que se aproveitará desse seu empréstimo final ao herdeiro de Salustiano Padilha para se apossar de S. Bernardo. Já no capítulo XXXV, com os bancos lhe fechando as portas assim como Pereira, décadas antes, as fechara para Padilha, Paulo Honório, sem ter com quem contrair um empréstimo para tentar se reerguer, não chega a perder a fazenda, mas começa a ter de cortar gastos para pagar dívidas, desfazendo-se, com isso, de outros tipos de patrimônio, além de ver seu domínio na região e a própria extensão de sua propriedade severamente ameaçados:

Em seis meses havia tão grande quebradeira que torrei nos cobres o automóvel para não me protestarem uma letra vagabunda de seis contos. [...] Um dia em que, assim de braços cruzados, contemplava melancolicamente o descaroador e a serraria, João Nogueira me trouxe a notícia de que o Fidélis e os Gama iam remexer as questões dos limites. E o pior era que o dr. Magalhães estava noutra comarca (RAMOS, 2018, p. 212).

Em suma, novamente voltando à defesa de Bastos (1998) sobre a importância da verossimilhança na literatura de Graciliano, parece inverossímil (e, portanto, estranho a Graciliano Ramos enquanto escritor) atribuir o sucesso da vingança final de Luís Padilha apenas ao acaso, desprezando totalmente a possibilidade de o antes plenamente ingênuo ex-proprietário de S. Bernardo ter se tornado bem mais perspicaz do que no começo de sua trajetória no romance. Na verdade, como se queria demonstrar, ainda que se aponte para o fato de o herdeiro de Salustiano Padilha ter contado com a sorte e com ajudas externas em alguns momentos para se manter empregado até a revolução estourar e ele próprio poder se rebelar, ele aparenta ter passado a entender com precisão como deveria proceder de modo a não comprometer seu próprio futuro, ou, no mínimo, como proceder para ter melhores chances de não comprometer seu futuro, pois, mesmo quando sua estratégia não o impediu de ser expulso da fazenda por Paulo Honório, podia-se entrever haver por trás de suas palavras uma lógica que denotava algum entendimento do problema em que estava colocado na ocasião, o que um ingênuo “perfeito” dificilmente teria adquirido.

### Building the way

Além disso, parece-se ter demonstrado a possibilidade de entender a vingança de Padilha ao final do romance como mais completa e mais complexa do que poderia parecer em um primeiro momento, pois, aliando relativa esperteza com sorte e ajudas externas, o professor de S. Bernardo consegue permanecer na fazenda mesmo sob a desconfiança de Paulo Honório, cujo ciúme o herdeiro de Salustiano Padilha foi, também, alimentando sutilmente ao longo do romance seja por conversar frequentemente com Madalena, seja por, em mais de um momento na narrativa, usar das ideias preconcebidas do patrão para ajudar a aprofundar sua desconfiança em relação à moça.

Evidentemente, deve-se frisar que o fato de ter se tornado menos ingênuo com o passar do tempo e da narrativa não colocaria Luís Padilha em um patamar de capacidade de percepção igual ao de Paulo Honório – personagem que pode ser caracterizada por muitos adjetivos, mas “ingênuo”, certamente, não é um deles, mesmo não percebendo como Padilha podia ser mais esperto do que parecia – nem vetaria caracterizá-lo, pelo menos com base no retrato que o narrador fornece dessa personagem, como pusilânime, boêmio, imprevidente, revolucionário e, no limite, socialista ou simpatizante do ideário socialista. Afinal, retomando as acepções da palavra “ingênuo” que serviram de premissa para este artigo, nenhuma dessas caracterizações implica que se entenda a personagem Luís Padilha pelo que ela não parece ser ao final do romance: sem malícia, inocente, sincero, cândido, franco, simples. Em outras palavras, no caso específico de Padilha, uma tautologia parece ser coerente para resumir a argumentação aqui empreendida: um pusilânime não é necessariamente um ingênuo; um pusilânime só é, necessariamente, um pusilânime.

### REFERÊNCIAS

BASTOS, H. J. de M. *Memórias do cárcere: literatura e testemunho*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

BASTOS, H. J. de M. Os coronéis – de Mendonça a Paulo Honório: notas sobre tipicidade e realismo em *S. Bernardo*. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, Brasil, n. 60, p. 19-33, 2015. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/97689/96504>. Acesso em: 30 jul. 2020.

BECHARA, E. *Dicionário escolar da Língua Portuguesa/ Academia Brasileira de Letras*. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008, p. 718.

**Building the way**

CANDIDO, A. *Ficção e confissão: ensaios sobre Graciliano Ramos*. São Paulo: Editora 34, 1992.

COUTINHO, C. N. Graciliano Ramos. *In: COUTINHO, Carlos Nelson. Cultura e sociedade no Brasil: ensaios sobre ideias e formas*. 4. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

GONÇALVES, R. G. *Dialogismo e Ironia em São Bernardo, de Graciliano Ramos*. São Paulo: Editora Unesp, 2012.

26

JUAREZ FILHO, Edmundo. *História e alegoria em São Bernardo de Graciliano Ramos*. 2006. 258f. Dissertação (Mestrado em Letras Clássicas e Vernáculas) - Universidade Federal de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo, 2006. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8149/tde-23082007-133901/pt-br.php>. Acesso em 24 abr. 2020.

LAFETÁ, J. L. O mundo à revelia (posfácio). *In: RAMOS, Graciliano. São Bernardo*. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 1995, p. 192-217.

PITT, C. P. A construção identitária em *São Bernardo*. *Darandina Revisteletrônica*, Juiz de Fora, v. 2, n. 2, p. 1-15, 2009. Disponível em: <https://www.ufjf.br/darandina/files/2010/02/artigo01a.pdf>. Acesso em: 31 jul. 2020.

RAMOS, G. *São Bernardo*. 100. ed. Rio de Janeiro: Record, 2018.